

REPRESENTAÇÃO DE ATORES SOCIAIS EM EM TEXTO JORNALÍSTICO¹

REPRESENTATION OF SOCIAL ACTORS IN JOURNALISTIC TEXTS

Marceli Tessmer Blank², Natalia Lectzow de Oliveira² e Cristiane Fuzer³

RESUMO

Neste artigo, objetiva-se analisar o modo como o autor de uma reportagem jornalística articula a linguagem ao seu propósito comunicativo e ao gênero reportagem. Na análise, as representações sociais dos envolvidos no fato relatado são consideradas de acordo com a categorização proposta por Van Leeuwen (1997), e as escolhas léxico-gramaticais do texto são analisadas com base na Gramática Sistemico-Funcional (GSF), proposta por Halliday e Mathiessen (2004), focalizando-se a metafunção ideacional, que se realiza, no nível léxico-gramatical, pelo sistema de transitividade. Dessa forma, o estudo ressalta relações entre as estruturas linguísticas e o gênero textual reportagem.

Palavras-chave: linguagem, representação social, léxico-gramática.

ABSTRACT

This article has as objective to analyze the way the author of a news story articulates language to his communicative intention and to the genre news story. In the analysis, the social representations are considered according to the theory of categorization proposed by van Leeuwen (1997). The lexical-grammatical choices of the text are analyzed on the basis of Systemic Functional Grammar proposed by Halliday and Mathiessen (2004) and the focus in on the ideational metafunction, which takes place in the lexic-grammar level by the transitivity system. Therefore, the study highlights some relations between the linguistic structures and the news story textual genre.

Keywords: language, social representations, lexicogrammar.

¹ Trabalho de Iniciação Científica - CNPq/UFPEL.

² Acadêmicas do curso de Letras - Licenciatura em Português e Literaturas de Língua Portuguesa - UFPEL. E-mail: marceli_tessmer@yahoo.com.br e nlectzow@yahoo.com.br

³ Orientadora - UFSM. E-mail: crisfuzer@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A linguagem tem função social, uma vez que, por meio dela, comunicamos, interagimos e participamos ativamente na sociedade. De acordo com os propósitos em um determinado contexto, fazemos uso da linguagem na forma de textos escritos ou orais.

As experiências que vivenciamos são representadas por meio da linguagem, pois, ao utilizarmos linguagem para interagir com os outros, falamos sobre o mundo exterior (coisas, eventos, qualidades, etc.) ou interior (pensamentos, crenças, sentimentos, etc.) (THOMPSON, 2004). Assim, por meio do uso efetivo da linguagem, o ser humano mantém as relações sociais, sendo capaz de constituir um mundo semiótico no qual as experiências são representadas e compartilhadas. Para isso, diferentes gêneros textuais podem ser utilizados. Para compartilhar e divulgar fatos e acontecimentos, por exemplo, é utilizado o gênero reportagem.

Neste trabalho, temos como objetivo elucidar de que maneira os atores sociais são representados em uma reportagem jornalística. Para isso, utilizamos o sistema de transitividade, que realiza a metafunção ideacional experiencial da linguagem, proposta por Halliday e Mathiessen (2004), e também as categorias de representação dos atores sociais, propostas por Van Leeuwen (1997). Com a análise, buscamos esclarecer a relação do gênero textual reportagem com as estruturas linguísticas utilizadas pelo autor no processo de representação dos atores sociais envolvidos no fato reportado.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A linguagem utilizada em textos é marcada por estruturas e características condizentes com a intencionalidade e os objetivos de quem os produz. Nesse sentido, o “gênero dá forma a nossas ações e intenções” (BAZERMAN, 2006, p. 10). Neste trabalho, analisa-se o gênero reportagem sob o enfoque funcionalista no sentido de compreender como e por que determinadas escolhas linguísticas são realizadas. Para isso, utiliza-se pressupostos teóricos da Gramática Sistemico-Funcional (GSF), de Halliday e Matthiessen (2004), e as formas de representação de atores sociais propostas por Van Leeuwen (1997).

REPRESENTAÇÃO SOCIAL

As experiências humanas são compartilhadas e representadas por meio da linguagem. O ser humano caracteriza suas vivências, como “um produto social”

(SPINK; MEDRADO, 2000, p. 26), na e pela linguagem. As representações se dão nas relações sociais e interpessoais e na influência da compreensão do mundo que nos cerca.

Nesse sentido, os indivíduos representam as vivências comuns de determinada comunidade, pois o conhecimento não é empírico ao ser humano, mas, sim, construído junto a outras pessoas por meio das experiências individuais. O modo como o sujeito interage com os outros na sociedade constrói a realidade. Na interação entre sujeito e sociedade, a linguagem se destaca no processo de construção da realidade.

A partir dos estudos de Fuzer (2007), compreendemos de que maneira, Serge Moscovici, em 1976, impulsionou, no campo da Psicologia Social, a teoria das Representações Sociais. Moscovici (1976) teve como finalidade analisar o conhecimento do cotidiano por meio do processo de construção da realidade a partir das relações sociais estabelecidas entre os componentes de uma sociedade. Para ele, as representações são modalidades de conhecimentos particulares que têm por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. Outra estudiosa da teoria das Representações Sociais, Jodelet (apud SILVA, 1998, p. 15) define a representação como

um saber de sentido comum [...]. Em um sentido mais amplo, designa uma forma de pensamento social [...]. As representações sociais constituem modalidades de pensamento prático orientados para a comunicação, para a compreensão e domínio em torno do social, material e ideal.

No campo dos estudos linguísticos, Fuzer (2008) relacionou o conceito de representação social com a metafunção ideacional experiencial da linguagem, abordada na Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004). A autora defende que, para depreender representações sociais de um discurso, é necessário analisarem-se as escolhas léxico-gramaticais que materializam esse discurso em textos. Assim como os estudos em Ciências Sociais investigam representações, na Linguística Sistêmico-Funcional também se estudam as representações dos atores sociais, porém partindo sempre das relações entre as estruturas léxico-gramaticais que incluem ou encobrem atores sociais no discurso. Dessa forma, a representação das ideias e das experiências humanas do mundo real e da consciência são representadas, segundo a vertente Sistêmico-Funcional, por meio do sistema de transitividade, pelo qual se analisa a oração como representação de experiências.

ORAÇÃO COMO REPRESENTAÇÃO: SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

Na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), Halliday e Matthiessen (2004) concebem a língua como um mecanismo de escolhas, inserido em determinado contexto. Segundo Thompson (2004), na perspectiva sistêmico-funcional, a linguagem compreende um conjunto de recursos para fazer referência às entidades do mundo e às maneiras pelas quais essas entidades agem ou se relacionam entre si.

Com isso, a partir da proposta teórica de Halliday e Mathiessen (2004), a linguagem como representação pode ser analisada, no nível léxico-gramatical, por meio do sistema de transitividade. Esse sistema está ligado à representação das ideias e das experiências humanas. A partir da intenção e do contexto no qual estão inseridas, as pessoas escolhem do sistema linguístico as estruturas que lhes parecem mais eficientes para construir suas representações. Conforme Halliday e Mathiessen (2004), muitas dessas escolhas justificam-se pelo contexto e pela intencionalidade do falante ou escritor. Nesse sentido, as escolhas linguísticas constituem textos. Para os autores:

o termo ‘texto’ refere-se a qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido para alguém que conhece a linguagem. [...] Para um gramático, o texto é rico, um fenômeno multifacetado que tem significado de formas diferentes (2004, p. 3).⁴

O texto é constituído por estruturas léxico-gramaticais, nas quais grupos verbais, grupos nominais e grupos adverbiais se organizam de alguma maneira no nível da oração. A oração se compõe de processos, participantes e circunstâncias. Esses componentes da oração constituem o sistema de transitividade.

O sistema de transitividade é entendido como a categoria gramatical relacionada à metafunção ideacional experiencial, responsável pelas representações das nossas experiências interiores e exteriores. Para Cunha e Souza (2007, p. 53), essas representações acontecem porque:

a experiência humana é geralmente entendida como um fluxo de eventos ou acontecimentos, atos ligados a agir,

⁴ “the term ‘text’ refers to any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the language. (...) To a grammarian, text is a rich, many-faceted phenomenon that ‘means’ in different ways”. Tradução nossa.

dizer, sentir, ser e ter, sendo a transitividade a responsável pela materialização desse conjunto de atividades através dos tipos de processos (verbos), com cada tipo modelando uma fatia da realidade.

Por isso, a transitividade é entendida como a gramática da oração. É possível identificar os diferentes papéis assumidos pelos componentes da oração: atividades (processos) que envolvem pessoas, objetos e seres (participantes) que se situam no tempo e no espaço, caracterizando o que está sendo dito/escrito (circunstâncias).

As orações se constituem em torno dos processos, que são “os elementos responsáveis por codificar ações, eventos, estabelecer relações, exprimir ideias e sentimentos, construir o dizer e o existir” (CUNHA; SOUZA, 2007, p. 55). Em cada oração, há um processo (realizado por verbo) que se relaciona com um ou mais participantes (realizados por grupos nominais) e, opcionalmente, circunstâncias (realizadas por grupos adverbiais), possibilitando a classificação de processos e, conseqüentemente das orações, em: materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais.

Os processos **materiais** constituem ações de mudanças externas, físicas e perceptíveis e provocam um investimento de energia feito por um participante. Esses processos podem representar uma figura de acontecer (com apenas um participante) ou de fazer (com dois participantes). Os participantes envolvidos nos processos materiais, segundo Halliday e Matthiessen (2004), podem desempenhar diferentes papéis. Denomina-se Ator aquele que realiza o processo. Meta é para quem ou para o que o processo é direcionado, ou seja, o participante afetado pelo processo. Recipiente é o participante beneficiado pelo processo que gera um bem. Cliente é o participante beneficiado por um serviço originado pelo processo. Escopo é o participante que completa o significado do processo. Halliday e Matthiessen (2004) classificam os processos materiais em dois principais tipos: criativos, como criar, aparecer, produzir, abrir, emergir; e transformativos, como fazer, quebrar, construir, torcer, cortar, entre outros.

Os processos **mentais** dizem respeito às experiências de mundo da nossa consciência. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), a partir dos processos de sentir conseguimos identificar processos de percepção, cognição, desejo e afeição. Os participantes desse tipo de processo são identificados como: Experienciador, aquele que experiência o fato, e “Fenômeno”, que é o fato sentido, percebido ou compreendido.

Os processos **relacionais** são aqueles que identificam ou classificam uma experiência a outro, como processos de ser, estar, permanecer, ter, entre outros. Os participantes envolvidos nesse tipo de processo são denominados: Atributo e

Portador quando há atribuição de características a uma entidade; ou Identificado e Identificador quando o objetivo é identificar uma entidade.

Os processos considerados como intermediários são descritos por Halliday e Matthiessen (2004) como: **comportamentais** (respirar, dormir, assistir, etc.), situados entre os processos materiais e mentais; **verbais** (dizer, declarar, etc.), situados entre os processos relacionais e os mentais; **existenciais** (haver e existir), situados entre os processos materiais e relacionais.

O terceiro componente da oração é a circunstância, que diz respeito às condições relacionadas ao processo. As circunstâncias são realizadas por advérbios ou grupos adverbiais e ocorrem, opcionalmente, em todos os tipos de orações. Dessa forma, as circunstâncias podem ser, entre outras, de extensão, causa, modo, assunto, papel, acompanhamento, orientação. Combinadas aos processos e participantes, as circunstâncias complementam o sentido do enunciado.

Todos esses elementos podem materializar léxico-gramaticalmente as experiências que contribuem para a construção global de um texto e, assim, para a representação de atores sociais.

CATEGORIAS DE REPRESENTAÇÃO DE ATORES SOCIAIS

Os textos são produzidos dentro de um sistema de contexto e cultura pré-definidos e variam de acordo com o objetivo do falante ou escritor. As escolhas linguísticas constroem representações sociais. Van Leeuwen (1997) utiliza a expressão “atores sociais” para representar as pessoas dentro de um discurso. O autor investiga as diferentes formas com que os atores sociais podem ser representados em um texto.

Van Leeuwen (1997) classifica a representação dos atores sociais como um compósito de elementos linguísticos que se articulam, podendo funcionar para incluir ou excluir indivíduos e grupos. As formas de representação podem estar relacionadas às escolhas linguísticas que os usuários fazem para representar suas experiências no mundo. Dessa forma, o estudioso dispõe de duas categorias essenciais para essa representação, as quais são chamadas de Exclusão e Inclusão.

A representação por Exclusão acontece quando há a supressão ou apagamento do ator social. A supressão ocorre quando não há referência aos atores sociais em questão ao longo do texto. Já o encobrimento ocorre quando o participante é posto em segundo plano. Neste caso, a exclusão não é total, pois os atores sociais excluídos podem não ser mencionados em relação a uma determinada atividade, mas são mencionados em outras partes do texto, podendo ser recuperados.

Essa forma de representação resulta de elipses ocorridas em orações infinitivas e coordenadas. Segundo Van Leeuwen (1997), é possível excluir atores sociais com a utilização de alguns recursos léxico-gramaticais, como: nominalização, adjetivação, eclipse, apagamento do agente da passiva e do beneficiário.

Já na representação por Inclusão, os atores sociais estão materializados linguisticamente no texto e podem assumir diferentes papéis. Nessa divisão de papéis sociais, Van Leeuwen (1997) salienta que “não é necessário que haja congruência entre os papéis que os actores sociais desempenham, de facto, em práticas sociais e os papéis gramaticais que lhes são atribuídos” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 186). Dessa forma, há a possibilidade de o ator social não ser o participante agente na oração, podendo desempenhar outra função de acordo com a estrutura linguística em questão.

A Inclusão pode ocorrer, dentre outras formas, por Ativação, Passivação, Impersonalização ou Generalização. A Ativação “ocorre quando os actores sociais são representados como forças activas e dinâmicas numa actividade” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 187), ou seja, os participantes participam ativamente do processo em questão. Pela Passivação, os envolvidos são representados recebendo ou submetendo-se a alguma atividade. Neste caso, a representação pode ser explicitada por meio de papéis gramaticais participantes, em que os atores sociais ativados desempenham função de Ator em processos materiais, Comportante em processos comportamentais, Experienciador nos mentais, Dizente nos verbais e Portador nos processos relacionais.

Outra categoria relevante proposta por Van Leeuwen (1997) é a Impersonalização, na qual os participantes envolvidos na atividade são representados por outros elementos gramaticais – substantivos abstratos, por exemplo, ou substantivos concretos que não apresentam características especificamente humanas. Por fim, por meio da Generalização, os atores sociais são representados como classes (entidades generalizadas) que constituem o real.

DIRETRIZES METODOLÓGICAS

Com o objetivo de analisar o modo como a linguagem é usada para representar um fato reportado e os atores sociais nele envolvidos, selecionamos uma reportagem publicada no jornal *Diário de Santa Maria*, na edição dos dias 17 e 18 de janeiro de 2009 (Anexo 1). A reportagem tem como título “Um dia de dor em Pelotas” e apresenta como principal tema o acidente de trânsito ocorrido em 15 de janeiro de 2009, no qual a delegação de um time de futebol

da cidade de Pelotas esteve envolvida, gerando grande repercussão no restante do estado.

As questões que nortearam a análise do texto foram as seguintes:

- a) Como foi representado o fato relatado à luz do sistema de transitividade sob a perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional?
- b) De que maneira estão representados os atores sociais envolvidos de acordo com a categorização de Van Leeuwen (1997)?
- c) Qual a função desempenhada pelos atores sociais em articulação com a linguagem do texto jornalístico?

As etapas de análises que contribuíram para as construções das respostas às perguntas acima foram as seguintes: em primeiro lugar, a identificação das orações que compõem o texto e a descrição dos componentes do sistema de transitividade com base na GSF (foram desconsideradas estruturas não oracionais como o título, as notas de rodapé e outros recursos utilizados pelo jornal); em segundo lugar, a análise das formas de representação dos atores sociais envolvidos no fato, sob o ponto de vista jornalístico; em terceiro lugar, o estudo da relação entre as recorrências linguísticas e o gênero reportagem.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo por base a classificação das orações que constituem o texto apresentado, foi possível analisar a representação do fato e dos envolvidos no acidente. Começamos com a oração que serve como *lead*⁵ da reportagem:

Veículo com trinta pessoas que faziam parte da delegação capotou em Canguçu, na quinta-feira.

Nesse fragmento, “capotou” é processo material transformativo, pois promove algum tipo de mudança. Há apenas um participante nessa oração: “veículo com trinta pessoas”. Encaixada no participante há outra oração – “que faziam parte da delegação” –, referindo-se a “trinta pessoas”. Com essa estrutura léxico-gramatical, é realizada a representação de dois atores sociais. Um deles está representado por Inclusão e, portanto, explicitado: as trinta pessoas que

⁵ O *lead* (expressão inglesa que significa “guia” ou “o que vem à frente”) é, no campo jornalístico, a primeira parte de uma notícia, que fornece informação básica sobre o tema e pretende causar interesse no leitor. Em reportagens, a principal função do *lead* é oferecer uma prévia, como a descrição de uma imagem, do assunto a ser abordado.

compõem a delegação do time de futebol Brasil de Pelotas. Já o outro ator social está representado por Exclusão, uma vez que não se encontra materializado linguisticamente, mas há indícios de sua existência: o motorista que conduzia o veículo. A presença desse ator social no contexto do acidente pode ser inferida pelo conhecimento prévio que se tem de que um veículo, normalmente, não se movimenta sozinho e, portanto, não capota sem que tenha havido alguma ação provocada pelo seu condutor ou por alguma falha mecânica.

Ao relacionarmos esse modo de representação com o gênero reportagem, verificamos que a escolha da palavra “veículo” como participante da oração pode ser interpretada como uma maneira de o jornalista abster-se de um posicionamento declarado no que diz respeito a possíveis culpados pelo acidente. A escolha pelo verbo “capotar” também é significativa no processo de representação do fato relatado: o uso de um processo material do tipo acontecer não implica um agente direto responsável pela ação. O próprio veículo é agente do processo e é também por ele, de certa forma, afetado. Representa-se, assim, um acontecimento, não um fazer provocado por alguém.

Esse mesmo resultado é encontrado num dos períodos do segundo parágrafo do texto:

[...] O ônibus capotou, caindo em uma ribanceira de 30 metros. [...]

Os Processos “capotou” e “caindo” são materiais transformativos, integrando também um acontecimento. A circunstância “em uma ribanceira de 30 metros” indica o espaço em que o processo se realizou. O ator social envolvido na agência do fato (a capotagem e a queda do ônibus), novamente, não é explicitado no discurso. Podemos dizer, assim, que a Exclusão por encobrimento do motorista do ônibus naquele contexto funciona como um recurso para evitar, da parte do produtor do texto, qualquer julgamento de responsabilidade pelo fato. Essas estruturas se justificam no contexto jornalístico, uma vez que a indicação de responsabilização pelo acidente compete a outra esfera, o Judiciário. Aos operadores do Direito compete a investigação das causas do acidente, do indiciamento, da denúncia e julgamento do(s) responsável(is) – e não aos jornalistas.

Também encontramos, no texto em análise, a presença de processos mentais e comportamentais em algumas orações, como as que seguem:

Todos estavam se sentindo derrotados, muitos choravam.

Na primeira oração do período acima, o grupo verbal “estavam se sentindo” realiza um processo mental, pois define a experiência interior do participante num dado momento (velório dos jogadores mortos no acidente). O Fenômeno vivenciado é o sentimento de derrota. No papel de Experienciador está o pronome indefinido “Todos”. Os atores sociais, nesse caso, estão representados por Inclusão, mas de modo generalizado. No enunciado em análise, “todos” pode incluir os torcedores do Brasil de Pelotas, os familiares, colegas e amigos dos jogadores, as autoridades e todas as demais categorias de pessoas que se fizeram presentes no estádio no dia em que os corpos dos mortos foram velados.

Na segunda oração do mesmo período, “choravam” realiza um processo comportamental, e “muitos” desempenha o papel de Comportante. O processo comportamental situa-se, segundo Halliday e Matthiessen (2004), entre os processos materiais e mentais e dão conta do comportamento humano.

Em seguida, o autor constrói uma representação do motivo para o sentimento de derrota da torcida:

No meio do campo, cercados pela torcida, estavam coroas de flores e os caixões com os corpos de dois jogadores do clube – o ídolo Cláudio Milar e o zagueiro Régis – e do preparador de goleiros Giovanni Guimarães, mortos no acidente da noite anterior.

Em termos gerais, “mortos”, se considerado adjetivo, é Atributo para as pessoas nomeadas que estavam dentro dos caixões. Se considerado verbo no particípio, sinaliza voz passiva (em oração reduzida de particípio) e, neste caso, em nível léxico-gramatical, não há ator explícito (quem causou a morte?). O agente está, portanto, apagado na estrutura oracional, ao passo que as vítimas do acidente (dois jogadores do clube e o preparador de goleiros) estão incluídos por circunstancialização.

Dessa forma, o jornalista marca distanciamento de uma possível relação de causa-efeito, pois considera “mortos” como uma qualidade atribuída aos jogadores, omitindo uma possível causa/culpa para a situação relatada. Isso é justificável pelo fato de o autor do texto não ter poder para apontar ou julgar supostos culpados, já que isso, em nossa sociedade, cabe à Justiça. A ausência de estruturas que explicitem os responsáveis pela ação se deve, provavelmente, à necessidade de o jornalista relatar o fato eximindo-se de qualquer acusação. Verificamos, assim, a exclusão dos atores sociais responsáveis pelo acidente, pois eles estão representados em segundo plano por meio do apagamento do participante agente em orações materiais do tipo acontecer.

Pode-se dizer que, com essas escolhas léxico-gramaticais que constituem a parte inicial do texto, o jornalista representa: um acontecimento (sem explicitar um responsável pelo acidente); o estado emocional (“fracassados”) em que se encontram atores sociais generalizados e, por último, o comportamento desses atores sociais em relação ao fato ocorrido (a manifestação do estado emocional – “choravam”).

No segundo parágrafo do texto, são fornecidos detalhes sobre as circunstâncias do acidente acontecido:

Foi depois das 23h de quinta-feira que o ônibus com 30 pessoas da delegação do Brasil-Pe não conseguiu vencer uma curva fechada no trevo entre a RST-471 e a BR-392, a 29 quilômetros de Canguçu.

Do período acima, destaca-se, novamente, “ônibus” no papel de Ator do processo material transformativo realizado pelo grupo verbal “não conseguiu vencer”. Segundo a categorização de Van Leeuwen (1997), “ônibus” está incluído como agente (no lugar do motorista) e, assim, é representado ativado. Mais uma vez, o ator social humano está encoberto.

O grupo nominal “curva fechada” pode ser classificado como Meta do processo “vencer”. Entretanto, podemos identificar, de acordo com o conteúdo semântico, que “uma curva fechada” passa por um processo de personificação em relação ao ônibus, construindo uma ideia de “duelo” entre o veículo e a curva. Essa passagem pode ser interpretada como se tivesse ocorrido uma disputa, na qual o veículo não consegue vencer a curva (personificada).

No período seguinte, constituído de quatro orações, é construída a representação da luta de um dos sobreviventes na busca por ajuda após o acidente:

Quando o veículo parou, o goleiro Danrlei (ex-grêmio) foi um dos primeiros a conseguir sair. Depois de ajudar outros colegas, ele pegou carona e foi pedir auxílio a um morador próximo.

Na primeira oração, mais uma vez o “veículo” é Ator. Nas orações seguintes, o participante agente é “o goleiro Danrlei”. Na segunda oração, é o Portador na oração relacional “foi um dos primeiros”. Na terceira, quarta e quinta orações, é Ator dos processos “conseguir sair”, “ajudar” e “pegou carona”. Na quinta oração, desempenha o papel de Dizente para o processo “foi pedir”.

Essas escolhas léxico-gramaticais representam os atores sociais por Inclusão. Representam o goleiro Danrlei agindo de modo ativo no processo de ajudar os colegas e buscar socorro. Os outros integrantes da delegação, o motorista e também o morador para o qual o goleiro pediu ajuda, são representados por Passivação, conforme a teoria de Van Leeuwen (1997).

A intenção do jornalista em não designar culpados ao acidente é comprovada mais uma vez no período citado, quando atribui novamente ao veículo o papel de Ator do processo “parou”. Além disso, a inclusão do goleiro Danrlei (ex-jogador do Grêmio), como Ator e Dizente, destaca esse integrante da delegação de Pelotas na busca por ajuda.

No terceiro parágrafo do texto, o jornalista descreve a assistência ofertada no resgate às vítimas do acidente:

Dezesseis ambulâncias foram ao local para socorrer os feridos. Todos foram levados ao hospital de Canguçu, onde pelo menos seis foram operados ou aguardariam por cirurgia devido a fratura ou lesões graves: os jogadores Edu, Xuxa, Alemão e Uendel, além do auxiliar Paulo Roberto e do técnico Armando Dessards.

Nesses períodos, os atores sociais estão representados ora por Categorização (“feridos”) e por Generalização no contexto do grupo (“todos”), ora por Especificação, nomeando os jogadores (“Edu, Xuxa, Alemão e Uendel”) e membros da equipe técnica (“Paulo Roberto e Armando Dessards”) que passaram ou teriam de passar por intervenção médica. Esses atores sociais estão representados por Passivação ao desempenharem o papel de Meta na oração.

Outros atores sociais, como os paramédicos, enfermeiros e outros profissionais envolvidos no resgate e atendimento às vítimas, estão encobertos no discurso, já que o leitor, a partir do contexto, pode inferir a presença desses atores sociais no texto, a partir das expressões “Dezesseis ambulâncias” (veículo que transportou os socorristas); “operados” (com o pressuposto de que um médico operou).

No quarto parágrafo do texto, o motorista é objeto de representação:

Ao ser socorrido, o motorista disse que não sabia explicar como não conseguira vencer a curva. A Polícia Rodoviária informou que abrirá investigação para saber como os dados do tacógrafo sumiram.

Na primeira oração, “o motorista” é a Meta do processo “ser socorrido”, sendo representado, assim, por Passivação. Já na segunda oração, o motorista é representado de modo ativo no papel de Dizente do processo “disse” e Experienciador do processo “não sabia”. Identificamos mais uma estratégia linguística utilizada pelo jornalista para não apontar possíveis culpados pelo acidente: colocar o motorista do ônibus na condição de Dizente e não de Ator da ação. Com esse artifício, todas as tentativas de expor a culpa em torno do condutor do ônibus ficam somente na interpretação de cada leitor, pois, como Dizente, o motorista não se responsabiliza por nenhuma ação, mas apenas relata o ocorrido.

No segundo período do mesmo parágrafo, o processo “informou” tem como Dizente a Polícia Rodoviária Federal e como Verbiagem a informação de “que abrirá investigação para saber como os dados do tacógrafo sumiram”. Desse modo, o jornalista explicita a responsabilidade da autoridade policial em investigar as causas do acidente e, então, apontar um culpado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo do sistema de transitividade e das formas de representação dos atores sociais, percebemos que a análise das escolhas léxico-gramaticais é fundamental para a compreensão dos propósitos comunicativos de um texto em interface com o gênero textual a que pertence. Na reportagem analisada, predominam orações materiais, que materializam o propósito de relatar o fato ocorrido com o veículo que transportava o time de futebol e suas consequências. Com relação às formas de representação dos atores sociais, de acordo com a categorização de Van Leeuwen (1997), verificamos o encobrimento do ator social em termos de agência nos processos situados no momento do acidente. Com essas escolhas, o produtor do texto cumpre sua função como jornalista, aquele que relata acontecimentos, sem marcar uma acusação ou defesa mediante a ausência de provas. A linguagem usada na reportagem analisada está, portanto, condizente com o papel dos profissionais do jornalismo, que não têm poder jurídico para apontar ou julgar supostos culpados, já que isso cabe à Justiça.

Esses aspectos relacionam-se ao gênero textual. A linguagem usada na reportagem, por ser veiculada em um meio de comunicação com a função de informar os leitores dos acontecimentos sociais, é estruturada na tentativa de o autor não se posicionar de modo explícito em relação aos envolvidos no fato reportado.

Para concretizar esses dados, há, na reportagem analisada, a representação de alguns atores sociais por meio de encobrimento, ou seja, eles não aparecem no

texto, mas podem ser inferidos a partir de palavras de um mesmo campo semântico ou do contexto da situação em que se encontram, tipicamente, envolvidos. Constatamos também que, para enfatizar uma informação, o autor dispõe, em um mesmo período, de atores sociais de modo ativo e outros de modo passivo.

Além disso, verificamos o “motorista” como Dizente e não como Ator das ações relacionadas ao acidente. O papel de Ator foi transferido a outros participantes, como, por exemplo, o próprio “ônibus”, evidenciando o processo de impersonalização de um suposto responsável pelo acidente.

Assim, a análise das escolhas feitas no sistema de transitividade contribui para a compreensão do modo como o autor representa as experiências de mundo. Após a análise, podemos verificar que as estruturas linguísticas não foram usadas aleatoriamente. As escolhas atendem a propósitos discursivos específicos que consideram o contexto e a função social do gênero textual que está sendo utilizado.

É importante ressaltar que “as representações incluem ou excluem atores sociais para servir aos seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 180). Assim, ao utilizar o recurso de impersonalização ou encobrimento do ator social, o jornalista evita marcar um julgamento e se representa no papel que lhe cabe: relatar o fato sem apontar um responsável por sua ocorrência antes de a investigação policial ser realizada.

REFERÊNCIAS

BAZERMAN, C. **Gênero, Agência e Escrita**. Tradução de Judith Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

CUNHA, M.; SOUZA, M. **Transitividade e seus contextos em uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FUZER, C. Linguagem e representação da realidade. **Revista Textura**. Canoas, n. 16, p. 58-68, jul./dez., 2007.

FUZER, C. **Linguagem e representação nos autos de um processo penal: como operadores do direito representam atores sociais em um sistema de gêneros**. Santa Maria: UFSM, 2008. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. **Introduction to Functional Grammar**. 3. ed. London: Arnold, 2004.

SILVA, S. As representações sociais e o campo simbólico da política: um estudo da política e da identidade na vida cotidiana. **Revista Estudos de sociologia – UFPE**, Recife, v.4, n.1, p.14-27, jan.-jun,1998.

SPINK, M.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: abordagem teórico-metodológicas para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 2. ed. São Paulo: Cortez. p. 41-61.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. 2. ed. London: Arnold, 2004.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos actores sociais. In: PEDRO, E. R. (Org.). **Análise Crítica do Discurso**. Lisboa: Caminho, 1997. p. 169-222.

ANEXO 1

Um dia de dor em Pelotas

Veículo com trinta pessoas que faziam parte da delegação capotou em Canguçu, na quinta-feira.

Quase sempre lotado nos jogos do Brasil de Pelotas pela fanática torcida xavante, o Estádio Bento Freitas voltou a ficar cheio nesta sexta-feira. Todos estavam se sentindo derrotados, muitos choravam. O time não havia tomado goleada, nem sido rebaixado. No meio do campo, cercados pela torcida, estavam coroas de flores e os caixões com os corpos de dois jogadores do clube – o ídolo Cláudio Milar e o zagueiro Régis – e do preparador de goleiros Giovani Guimarães, mortos na noite do acidente anterior.

Foi depois das 23h de quinta-feira que o ônibus com 30 pessoas da delegação do Brasil-Pe não conseguiu vencer uma curva fechada no trevo entre a RST-471 e a BR-392, a 29 quilômetros de Canguçu. O time havia saído de Vale do Sol, perto de Santa Cruz, onde vencera o amistoso contra o time de Santa Cruz por 2 a 1. O ônibus capotou caindo em uma ribanceira de 30 metros. Quando o veículo parou, o goleiro Danrlei (ex-grêmio) foi um dos primeiros a conseguir sair. Depois de ajudar outros colegas, ele pegou carona e foi pedir auxílio a um morador próximo.

Dezesseis ambulâncias foram ao local para socorrer os feridos. Todos foram levados ao hospital de Canguçu, onde pelo menos seis foram operados ou aguardariam por cirurgia devido a fratura ou lesões graves: os jogadores Edu, Xuxa, Alemão e Uendel, além do auxiliar Paulo Roberto e do técnico Armando Dessards.

Ao ser socorrido, o motorista disse que não sabia explicar como não conseguira vencer a curva. A Polícia Rodoviária informou que abrirá investigação para saber como os dados do tacógrafos sumiram.

O corpo de Cláudio Milar ficou no Bento Freitas por apenas 10 minutos, no final da manhã, sendo levado para Chuy, no Uruguai, onde será enterrado neste sábado. O enterro de Régis e de Guimarães ocorreu no final da tarde de sexta-feira, em Pelotas, após o velório no campo do Estádio.

(Diário de Santa Maria, 17 e 18 jan. 2009)